

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ..

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persecutor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

1º. 13, 14.

SUMMARIO:

A QUESTÃO SOBRE O LIBERALISMO CATHOLICO DOS CHAMADOS LIBERAES, pelo Padre João Antonio Velloso. = SECÇÃO RELIGIOSA: *A guerra*, por Dom Antonio d'Almeida; *Uma missão no país dos amboellas*, pelo Reitor José Victorino Pinto de Carvalho; *O Padre Ramière*, por A. Moreira Bello. = SECÇÃO HISTORICA: *Outro manuscrito—O scisma da Igreja de Braga*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos. = SECÇÃO CRITICA: *Leiam!...*, por Dom Antonio d'Almeida; *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas; *Ao snr. visconde de Santa Lusía*, pela Redacção. = SECÇÃO LITTERARIA: *Meditações de fim d'anno*, por A. Moreira Bello; *Aventuras de um solitario*, versão de M. C. = SECÇÃO ILLUSTRADA: *I, Affonso Domingues—II, Igreja e convento de Nossa Senhora do Populo em Braga*, por R. = SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *Os Frades*, do «Affonso Henriques». = RETROSPECTO DA QUINZENA, por Dom Antonio d'Almeida e J. de Freitas. = *O progresso do «Progresso Catholico»*, por Teixeira de Freitas.

GUIMARÃES 29 DE FEVEREIRO
DE 1884

A questão sobre o liberalismo catholico dos chamados liberaes

II

É INNEGAVEL que os *factos* denunciam como sectarios do liberalismo, ou dos erros condemnados pelo *Syllabus* todos os governos constitucionaes sahidos das diferentes facções politicas, desde o começo da actual dynastia.

Não se contradiz a evidencia dos *factos*, e estes são uma tremenda accusação contra os constitucionaes, e contra o seu systema.

Pomos de parte as pessoas, abstrahimos de toda a personalidade politica, e ponderamos sómente os actos e medidas executadas.

Que houve liberaes de boa fé, constitucionaes que acreditaram que iam ser dadas ao paiz todas as liberdades justas, sem prejuizo dos direitos de ninguem, e sem offensa da religião, isso cremos nós. Hoje não os ha, não os pôde haver porque a illusão passou, e a historia tem as provas de que o systema representativo, ou o governo constitucional tem sido nefasto ao paiz.

Vejamos sómente os factos e considerem-os em relação á patria, á Igreja, ás pessoas e aos direitos e cousas ecclesiasticas.

Primeiramente, em relação ao paiz, basta ouvir a voz do mesmo; as quei-



AFFONSO DOMINGUES

xas, as representações, os brados de indignação, as imprecações do povo contra os seus oppressores, que o apertam, e espremem como a um *limão*, para lhe tirar todo o *sumo*, todo o sangue, á força de impostos sobre o que come, o que bebe, o que veste, o que calça, o que usa, o que pisa, o que destructa, o que lhe dão, o que lhe vendem, o que elle ganha, o que elle trabalha, o que lhe *impinge* o mesmo governo.

A rede do imposto é tão apertada que apanha todo o *peixe miúdo*, e tão forte que só os *tubarões* a podem romper.

E apesar do muito que o povo sua e geme para dar ao erario com que satis-

fazer a divida, esta cresce e medra sempre.

Cahe no thesouro, noite e dia, o sangue do povo, e o monstro do *deficit* não se sacia.

O governo tem liberdade para gastar quanto quizer, o povo só tem licença para pedir economias, pagando sempre.

Se alguém ha que se atreva a provar que o *constitucionalismo*, ou o systema representativo nos fez felizes venha desenganar-nos e ao paiz.

Pelo lado da moralidade não ha tambem quem justifique os governos *constitucionaes*.

Ha mais escholares, é verdade, mas ha muitos mais crimes: ha mais ensino, e ha mais corrupção: ha melhoramentos materiaes de estradas ferreas, telegraphos, etc., e ha mais pobreza, no paiz, mais fome, mais miseria. E porque? Porque as leis favorecem a libertinagem.

A auctoridade pôde ser desacatada, desprestigiada, enxovalhada.

O erro, o vicio e o crime tem direito de defeza e de propaganda.

A lei moral, a lei christã que não permite nem o pensamento nem o desejo do mal, não tem força de obrigar, por que o systema liberal dá a liberdade de insultar a religião, de mofar do culto, de blasfemar de Deus, e de inculcar o atheismo. Se isto não é dar á immoralidade os foros de *constitucional*, não sabemos o que seja.

«Por motivos de religião não se pôde obrigar ninguem» diz a cartilha constitucional; que é o mesmo que afirmar que os direitos de Deus não tem defeza; que a Carta Constitucional não cura de dar a Deus o que é de Deus, mas pelo

contrario tira ou nega a Deus para dar a Cesar.

E' a immoralidade authorisada por lei e justificada pela pratica liberal. Se o individuo não quer cumprir com o preceito divino da abstenção do trabalho ao domingo ou se o christão não quer satisfazer aos preceitos da Igreja da confissão e communhão paschal não ha meio civil de o obrigar: pôde desobedecer à Igreja que a Constituição é toda liberal, não se importa com isso.

Já do proprio governo baixou, em tempo, uma portaria que ordenava que não se embaraçassem os trabalhos publicos feitos no dia sancto. Não lembramos o nome do ministro, apontamos o *facto*.

No proprio parlamento tem-se proferrido heresias, e negado o dogma e insultado a religião. O governo constitucional tem tolerado tudo isto.

Não fallemos mais de moralidade porque onde o alcouce é livre, e a espelunca do jogo, e o antro maçonico, e a usura, e a agiotagem, e a heresia, e a blasfemia não pôde ahí reinar senão a preversão dos costumes.

Com relação à Igreja não temos a apontar senão gravissimos damnos, multiplicadas offensas e violações, e espoliações.

Coeva com a outhorga da Carta Constitucional é a perseguição à Igreja; e o primeiro decreto do *constitucionalismo* triunfante foi um golpe cruel descarregado nas corporações religiosas.

A liberdade vinha armada do camarello e no seu furor insano alastrou de ruinas o sólo da patria. As primeiras victimas procurou-as nos asylos da sciencia e da virtude, arrancando das suas cellas velhos octogenarios e varões doutissimos, que para servir a Deus e a patria se votaram à vida austera e trabalhosa do convento.

Quiz-se desculpar o despotismo vandalico com o medo que incutia à liberdade a cogula dos monges, mas agora, que são passados cincoenta annos, e que os frades e os seus algozes pertencem à eternidade, ainda os constitucionaes creem na incompatibilidade do systema com os institutos religiosos. Ainda ha odio aos frades! Tão mãos, tão funestos eram elles ao systema constitucional.

Tem sido baldados todos os esforços e todas as tentativas para restabelecer as congregações religiosas, e esta resistencia dos governos é uma das provas evidentiſsimas do seu desamor à Igreja e aos catholicos. Neguem se podem.

Tem-se dado liberdade de associação a todas as classes e para todos os fins, mas nega-se pertinazmente ao clero e aos fieis a liberdade de associação religiosa.

Ora um dos principios do liberalismo é—que a Igreja não é uma verdadeira

e perfeita sociedade, distincta do Estado, e plenamente livre, e por isso não pôde exercer a sua authoridade sem consentimento do governo civil—e fundados n'este principio liberal é que os governos se creem no direito de prohibir a associação religiosa.

Pelo mesmo falso principio se nega à Igreja o direito de propriedade.

Outro *facto* e prova do *liberalismo* dos nossos governantes é a espoliação da propriedade ecclesiastica, que ahí está sendo vendida em hasta publica, entrando o seu producto nos cofres do Estado, e dando-se-lhe em troca *papeis de credito* cujo valor se pode tornar completamente nullo.

Mas é principio *liberal* «que a Igreja não tem o direito nativo e legitimo de adquirir e possuir.»

Esta usurpação dos bens da Igreja, praticada quasi diariamente, sem nenhum respeito aos canones, é já vista pelos *liberaes* como uma causa trivial, e de nenhum peso para a consciencia dos legisladores e dos governantes.

Tem-se assentado nas cadeiras ministeriaes muitos politicos que se diziam bons catholicos, e no tempo d'estes, como no tempo de todos os outros ministerios, a desamortisação dos foros e rendas da Igreja apparecia sempre no Diario do Governo.

Ainda não subiu ao poder um ministro que suspendesse esta violação da propriedade ecclesiastica, ou que se authorisasse com a licença da Sancta Sé para a venda dos bens ecclesiasticos. E passou por aquella eminencia do poder civil um bispo e muitos outros catholicos. Fallou-se n'uma *concordata* que se ia fazer, mas que nunca appareceu, como agora se torna a fallar para palliar novas *usurpações*, a pretexto de *dotação do clero*.

E' doutrina liberal—«que o direito do Estado não é circumscripito por alguns limites»—nem mesmo pelo septimo preceito do decalogo.

Os *rendimentos das irmandades* e confrarias vão passando *devagarinho* e *mansamento* para as mãos do poder civil, que por meio de portarias ministeriaes vac extorquindo, já para decimas, já para sellos, já para escholias, já para asylos uma parte consideravel dos rendimentos.

O excesso das contribuições está dillicultando a mutuação dos capitaes, e esta pressão dos governos é calculada para fins ainda mais obnoxios. São *factos* não podem negar-se.

O respeito pela propriedade ecclesiastica é tal que até na licença para se ter *sacrario* em alguma capella foi imposto um sello. Nem o *sacrario* onde repousa por amor o Rei dos Reis é exceptuado!

A disciplina da Igreja portugueza está tambem em cahos por culpa do governo constitucional, que arrogou a si todos os poderes e prerogativas dos bispos.

Aboliu os dizimos, aboliu o foro ecclesiastico, aboliu os privilegios e isenções do clero, e avucou a si todas as nomeações para os cargos ecclesiasticos desde o *bispo* até ao *fiel* da Camara ecclesiastica. Sem a confirmação do governo nada tem validade.

«A Igreja livre no Estado livre», formula capciosa de Cavour mas applaudida pelos liberaes de todos os paizes, é aqui, como na Italia, inteiramente sophismada.

Onde não pôde ter lugar o *beneficito real*, invocam-se as *prerogativas* da Coroa, e d'esta arte e poder civil intervem sempre em toda a administração ecclesiastica, legislando e mandando a seu talante.

Por *honra da prerogativa real* está ainda a diocese de Faro sem bispo. A *prerogativa* quer impor-se à Sancta Sé não apresentando outro ecclesiastico, mas esta não se amolda às ficções do direito e a diocese do Algarve lá está sofrendo as consequências da *prerogativa*.

Todos sabem tambem qual o estado em que se acham as igrejas cathedraes. Se não ha proposito assentado de as deixar extinguir como os conventos das religiosas, ha evidentemente o desejo de diminuir ao culto, e ao pessoal necessario para o mesmo: ha vontade de acabar com as solemnidades religiosas em que o Estado tomava parte representado na pessoa do monarcha, dos dignatarios e grandes do paiz, auctoridades e delegados do governo.

Suprimiram-se cinco dioceses para occorrer às necessidades das restantes, e deixaram os bispos e os côros das cathedraes existentes sem conegos, e sem meios de prover ao culto religioso. As residencias episcopaes, algumas, estão em estado de não poderem ser habitadas e as parochiaes, envolvidas com os passaes na lei da desamortisação ou passaram às mãos d'algun argentario, ou permanecerem no estado de ruina.

O sur. cardeal patriarcha teve de declarar ao Governo que não assistiria às funções religiosas a que costuma comparecer a Corte e o ministerio se lhe não dessem os conegos de que necessita.

A igreja bracarense tem ha pouco cinco capitulares; as collegiadas estão condemnadas à extincção, e as igrejas dos extinctos conventos para ahí se deixam desabar como inuteis. Alguns liberaes tem bradado contra este desleixo, mas o governo nem os amigos ouve.

Lembram-se os *constitucionaes* da insinuação feita ao Cabido de Bragança para eleger um certo vigario capitular, e da maneira barbara por que se houve o ministro para com aquelle Cabido, a

quem suspendeu os ordenados, por não obedecer à *insinuação*, desprezando os canones.

Lembram-se da sentença da Relação de Goa contra o prelado que prohibiu a leitura d'um jornal anti-religioso.

Lembram-se dos *factos recentissimos* que se deram com o proprio Nuncio apostolico, e com o prelado d'esta diocese.

É por tudo isto se prova até à saciedade que os governos constitucionaes são também *liberaes* ou seclarios convictos do liberalismo; e os *factos* que apontamos, e outros muitos que podiamos apontar dão a esta asserção tal claresa, tal evidencia que os catholicos, apoiadores de taes governos não podem esquivar-se á nota de *liberaes*.

São os *factos* que os accusam, que os denunciam como os peiores de todos os catholicos por que esse apoio que prestam aos governos liberaes, estando convictos da marcha errada que elles levam é mais damnoso ao catholicismo que a perseguição systematica dos que professam abertamente o liberalismo.

Concluindo, diremos aos *constitucionaes* catholicos: os erros dos governos sabidos do vosso partido são os que compromettem a vossa causa politica e que dão razão aos adversarios para vos accusarem de liberaes ou máos catholicos. Negae o vosso apoio a todos os governos que forem hostis ao catholicismo ou recusarem á Igreja a liberdade e os direitos que lhe são proprios e fazei por mudar a marcha até qui seguida.

Aos *legitimistas* diremos—Os *factos* dão razão á vossa *intransigencia* para com o *constitucionalismo* tão impregnado de *liberalismo*, mas a caridade christã não repelle os que decididamente preferem a religião á politica. Trabalhae, trabalhemos todos em defeza da primeira das causas, a causa da religião, que não prejudica nenhuma convicção politica que seja justa, nem nenhum direito; e pelas obras, e não pelas palavras discerni entre os bons e máos catholicos.

A pedra de toque onde se conhecerão será a *acção*, o *esforço*, a *dedicação* com que se votarem ao serviço d'esta nobilissima causa.

P.º JOÃO ANTONIO VELLOSO.

Serção Religiosa

A GUERRA!

Um publicista de álem-Alpes, todo interessado não pela *paz podre* mas por *essa paz de podridão*, não duvidou atirar, como que assustado, para o publico com os pensamentos que vamos apresentar: «E' necessario reconhe-

cer que se houve antes precauções para assegurar a paz e hão ameaçado a guerra, nunca se deram como as imaginadas pelo Senhor de Bismarck. E' a ponto que não se pôde imaginar sem tremer essa horrivel hécatomba, que viria a produzir-se, se mesmo sem se querer uma faulta pegasse o fogo ás polvoras. A politica e a diplomacia hão feito larga estrada (*nem sempre recta*) depois que o Chanceller Bismarck occupa a posição na Europa, que todos conhecem; tem elle golpeado fundo e despertado do somno (*como, é para distinguir*). Antes a guerra era como accidental na Europa; duas ou tres Nações estavam guerreando-se, as outras eram espectadoras, *et les regardaient faire...*

Agora isto não é assim, graças aos novos procederes diplomaticos e politicos do Senhor de Bismarck, que parece mirarem não só alguns Estados mas continentes inteiros. Se a guerra rebenta, não será só uma parte da Europa mas toda esta entrará *em fogo*, será *um incendio*. Estas reflexões, particularmente lugubres, sam-nos inspiradas pelo espectáculo do que se passa n'este momento no norte da Europa, onde se desenha uma situação que é a consequencia de outra situação creada pelo Senhor de Bismarck no centro europeu; *sua alliança* comprehende a Alemanha, a Austria, a Italia, a Roumania, a Hespanha e a Servia, e parece ter como contra-peso uma alliança não menos formidavel, que envolveria a Russia, a Bulgaria, a Grecia, a Turquia, os Estados Scandinavios e á qual iria reunir-se a Inglaterra (não querendo, que em negocios de allianças diplomatico-politicas ha grandes alterações, ha grandes modificações, ha grandes mudanças, a unica alliança inalteravel e indestructivel é a da Justiça com a Verdade).

E a guerra em prespectiva ou a temer não será entre centenas de milhares de soldados, mas de milhões e de dezenas de milhões de combatentes. A segunda alliança está menos avançada ou concluida que a primeira, causa de todo o mal (a causa de todo o mal, verdadeiramente estudada, acha-se no desprezo, mais ou menos pronunciado, da Doutrina Catholica), mas não é difficil o vêr que o momento não está longe para que a segunda alliança sahia do periodo de formação... Seja o que fór, não se pôde dissimular que a politica das allianças (Napoleão III fez a politica *das nacionalidades* de que a Europa não tem a bemdizer-se, e agora só Deos sabe como finalizará a politica *das allianças*) que a politica das allianças, repetimos, inaugurada pelo Principe de Bismarck com um escopo que se proclama pacifico, mas que é ainda desconhecido, deixe de produzir fructos inesperados, e, até alguns já vindos.

Os esforços feitos para manter uma paz (a que nos tem apresentado a rebellião contra os Principios Eternos é uma paz *d'pd*) que ninguem ameaçava (ameaçava-a e ameaça a *desordem geral da Sociedade*) crearam um estado de cousas sem precedente. Não sam hoje os Estados que applicam individualmente a divisa: *Si vis pacem para bellum*, é a Europa inteira, dividida em dous campos inimigos, observando-se, e só esperando um signal, um incidente para vir ás mãos.» Os parenthesis sam nossos e não do publicista traduzido.

Eis pois rapidamente apresentada por um homem *idéas modernas* (pois que sabemos quem elle é) a demonstração ou antes o espectáculo do que é, e a importância *que vtle «a civilisação do seculo dezanove»* que nem ouvir fallar queria de *Hobbes*. Certo é, que ha o aforismo cirurgico: *Quod medicamenta non sanant, ferrum sanat*. Mas em tal hypothese o operador corta e amputa até separar toda a podridão, toda a gangrena, porém não é assim que o *entendem* os homens de idéas ou caracter *avariado* na applicação ás desmoralisações *da época*.

E' esse cumulo *de civilisação sem Deos*, é elle a causa de esses grandes Exercitos, e de essa extensa guerra esperada, por isso que desprezado o Principio de Auctoridade e assim desmoralizada a *Sociedade* o ferro e o fogo têm *de trabalhar!* «*dura lex, sed lex!*» A guerra é um flagello, mas maior será este se depois da guerra ou a guerra fór feita *para as cousas ficarem como estam!* Em quanto a *Sociedade* não tiver arrancadas de Si duas *eras diabolicas* não pôde ter paz e ha-de ter guerra; e as duas sam e chamam-se «*Revolução, Maçonaria*»; n'este indispensavel arrancamento *labor est*, é n'este trabalho que consiste o insuprivel remedio para curar a *Sociedade*; é mais que loucura procurar cural-a empregando mais ou menos os meios ou os *principios* que a tornaram *enferma de morte*; não está mordida de cão para que possa ser curada com o pello do mesmo cão, está mordida pelo Diabo cujo pello só é capaz de a envenenar mais. O Homem-Deos remiu todos os homens, mas a *Sociedade*, composta de homens, tornou-se *prodiga* e ingrata, e declara-se *dispensavel* de aquelle Divino Immenso Caritativo Favor!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Uma missão no paiz dos amboellas

I

É TÃO curiosa uma carta, que acabamos de ler no excellente jornal de Barcellona—*Las Misiones Catolicas*

—com relação ás missões da Africa ocidental, que intendemos fazer um bom serviço a nossos leitores, extraindo d'ella algumas noticias sobre os trabalhos apostolicos dos missionarios, que por aquelles paizes andam civilisando os povos á sombra da cruz de Jesus Christo. Uma outra razão nos move a publicar este artigo: n'essa carta falla-se d'um modo lisonjeiro do governo portuguez, e nós jámais lhe regatearemos os louvores merecidos, por tudo que elle fizer em favor das missões catholicas.

A carta é do Reverendo Duparquet, vice-prefeito apostolico, chefe da missão de Huila, e é datada de Humbi, a 25 de Julho de 1883. Tracta-se do estabelecimento de uma missão no paiz dos amboellas, e outros assumptos correlativos.

Este paiz estende-se desde o rio Cunene até a margem occidental do Zambese. O illustre viajante Serpa Pinto descreve estes povos, como pacificos, hospitaleiros, laboriosos, fallando uma só lingua, occupando pontos muito saudaveis, e revella ao mesmo tempo, que os protestantes lançavam já suas vistas para esta região. Por este motivo os missionarios catholicos apressaram-se a tomar-lhes o passo, estabelecendo-se lá, para livrarem estes povos de serem presa da heresia.

Tomadas as devidas informações, e certos de que o paiz está em optimas condições pelo que respeita ao clima, decidiram-se os missionarios a começar a missão em Pombali Akola, e para terem mais facil accesso a esta região, resolveram fundar outra estação em Ukuaniana.

A 4 de Junho partiram de Huila em tres carros, o pessoal e os aprestes da missão, composto de dous padres: o Rd.º Campana e o Rd.º Duparquet, um pedreiro, um carpinteiro e varios meninos já crescidos da missão, que pediram para os acompanhar; ia tambem um portuguez H. Rodrigo, que aproveitou esta occasião para ir ao Humbi.

Descendo das elevações de Huila, por gargantas de montanhas escabrosas, atravessaram o principado de Mucuma, de Mayondyo, de Hompuka e de Hai, e a 7 entraram no reino de Ngambué, que atravessaram em tres dias; e seguindo pelas margens de Caculovar, chegaram a 17 á missão de Humbi, onde os missionarios tinham feito maravilhas.

«Fiquei verdadeiramente surprehendido e maravilhado, diz o Padre Duparquet, ao ver os trabalhos executados no curto espaço d'um anno. Não só reedificaram a pobre habitação, que lhes comprara; mas fizeram construcções no

II

«Organisaram uma escolha, já frequentada por quarenta alumnos, e occupam-se com zelo do baptismo e educação dos meninos, até que um conhecimento mais perfeito da lingua do paiz, os habilite a exercerem com mais proveito o seu ministerio com os adultos. «Cumprindo um dever de justiça e gratidão, devemos dizer aqui que o governo portuguez nos tem ajudado poderosamente no estabelecimento d'estas missões. Não só nos cedeu o magnifico terreno, onde se encontram os nossos estabelecimentos de Huila, mas tambem tem exemptado de direitos de alfandega todas as nossas mercadorias, e dado passagem gratuita a todos os missionarios.

«Igual sympathia encontraram os nossos padres no digno commandante da fortaleza, o Snr. Andrade, que os ajudou nos primeiros trabalhos.» Com verdadeira satisfação, damos publicidade a este publico agradecimento do Reverendo Duparquet, por que elle mostra que o governo portuguez cumprimos n'este caso a sua missão de governo de um paiz catholico, protegendo as missões, este verdadeiro e unico factor da civilisação dos povos do sertão. Continue o governo n'este glorioso e patriotico proposito, que o paiz bendirá quem assim comprehende a alta missão de que está investido.

O excellentre rei Shahongo, apenas soube da chegada dos missionarios, veio immediatamente visital-os; passou todo o dia com elles, e deu-lhes de presente um boi.

Descançaram alguns dias no Humbi, e não permitindo o rio, por ir muito crescido, que as bagagens fossem transportadas á margem opposta, para proseguirem sua viagem, tiveram os missionarios de esperar allí que as aguas descessem.

(Continua)

O Reitor de Mancellos,
JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

O PADRE RAMIÈRE

Não podemos resistir á tentação de transcrever do nosso collega a *Cruz e Espada* o seguinte artigo ácerca do sabio jesuita, cuja morte noticiamos n'um dos passados numeros:

«Um doloroso acontecimento veio consolar os corações catholicos: a morte do veneravel e venerado P. Henrique

Ramière, director geral do Apostolado da Oração e da Communhão Reparadora, occorrida na quinta feira 3 do corrente Janeiro.

O fim do illustre jesuita foi quasi subito: conforme nos diz uma revista religiosa que temos á vista, dispunha-se elle a subir ao altar, como de costume, de manhã cedo; alguns minutos antes do passamento, sorria docemente; e adormeceu no Senhor com tanta serenidade, que os que lhe assistiram tiveram alguma difficuldade em certificar-se do momento em que sua alma se erguera á mansão da eternidade. Não era porém esse fim imprevisito para o chorado sacerdote, que havia tempo sentia em si uns indícios de morte, e por vezes fallava da sua proxima partida e da sua carreira completada.

Aquella grande alma a um tempo tam rica de profunda e variada instrucção como cheia de encantadora simplicidade, possuia virtudes tam eminentes e tam ardente e generosa dedicacão á causa catholica, que devemos ter confiança de que o infatigavel e valente apostolo do sagrado Coração repousou placidamente no seio do Divino Mestre. A sua morte nem por isso deixa de ser uma perda immensa para a respeitabilissima Companhia a que pertencia e que tanto amava, para a santa Obra de que era director geral e a que consagrava a melhor parte da sua vida, e para a Egreja que servia com zelo filial e fervoroso.

Porém deixemos fallar o veneravel deão da basilica de Saint-Sernin, o eminente director da *Semana Catholica* de Toulouse, o reverendissimo P. Albouy, que nos dará uma breve mas sufficiente biographia do illustre defuncto:

«Henrique Ramière nasceu em Castres (Tarn), a 10 de Julho de 1821. Curvou os seus primeiros estudos no collegio de Pasage (Hespanha), dirigido pelos jesuitas, e terminou-os com grande exito em Friburgo (Suissa), com os mesmos mestres. Entrando no noviciado da Companhia a 15 de Junho de 1839, estudou oratoria em Paris, e entregou-se aos estudos theologicos de 1844 a 1847.

«O seu primeiro destino foi para as missões d'America. Foi preparar-se para ellas em Inglaterra, onde dividiu o tempo entre sciencia e o exercicio do santo ministerio, de 1837 a 1850. Allí foi que começou a honrar o estudo da escolastica.

«Os superiores o chamam a França para lhe confiar a direcção dos estudos superiores em Vals, perto de Puy. Allí passou vinte annos e fundou, ajudado dos recursos do seu zelo, um santuario em honra do *Coração de Jesus orando*. N'esse longo periodo é que entram os seus numerosos exercicios ecclesiasticos, um d'elles em Toulouse em 1864, e di-

versas estações em França, Inglaterra, Allemanha, Italia e França. Na mesma epocha é que organisou a Obra do *Apostolado da Oração*, fundada em 1844 pelo seu confrade o P. Xavier Gautrelet, e á qual soube dar uma extensão immensa por todos os paizes christãos. Creou o *Mensageiro do Coração de Jesus*, publicação mensal, da qual foi até ao derradeiro momento director activissimo e que, impressa em nove ou dez linguas (1), conta perto de vinte mil assinantes só para a edição de Tolosa.

«A acção do R. P. Ramière durante o concilio do Vaticano (1869-1870) foi consideravel; a elle concorreu como theologo de Mons. Gignoux, bispo de Beauvais, e a titulo de procurador de S. Em.ª o cardeal Billiet, arcebispo de Chambéry, ao qual a avançada idade, junta ás enfermidades, estorvou de assistir á assembleia ecumenica. O P. Ramière redigiu em Roma o *Boletim do Concilio*, que todos conheceram.

«Tinham já publicado um volume intitulado: *As doutrinas romanas sobre o liberalismo encadrado sob o ponto de vista do dogma christão e da ordem social*. Accusando-lhe a recepção deste trabalho, disse-lhe Pio IX: «Damos-vos os parabens pela liberdade e coragem com que pozestes a descoberto verdades repellidos por grande numero d'indivíduos, mas absolutamente indispensaveis para disilludir as intelligencias e evitar as maiores desgraças (2).»

«Com esta obra, offerecera o R. Padre ao Santo Padre outra, intitulada: *As Contradições de Mons. X.º*. Pio IX lhe mandou responder: «Apoderastes-vos das armas do auctor, e o pozestes de tal sorte em lucta consigo mesmo, que dispenseis os seus adversarios do cuidado de derribarem o edificio que vós o obrigastes a demolir por suas proprias mãos.»

«Os outros trabalhos, publicados pelo R. P. Ramière, são: *O Padre Gratry, e Mons. Dupanloup*;—*A missão do Concilio revelada pelo P. Gratry*;—*O padre Gratry, Pseudo Isidoro e os Defensores da Igreja*. Estes escriptos valeram-lhe

(1) O *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, sob a direcção do nosso antigo condiscipulo e constante e querido amigo Padre J. J. d'Alfonso Mattos, é o orgão mensal da Obra em Portugal; revista interessantissima de 61 paginas, pelo modicissimo preço de 800 reis por anno, a qual recomendamos com todo o encarecimento. Assigna-se em Lisboa, rua do Arco do Bandeira, n.º 30, 3.º andar.—A. M. Bello.

(2) Hoje que na imprensa religiosa de Portugal se debate de novo a questão do liberalismo catholico, não podemos deixar de chamar a attenção dos homens de boa fé para uma das melhores edições do sr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, o *Liberalismo Desmascarado*, por um vimaranense, obra em grande parte baseada sobre a do P. Ramière, e á qual quadram perfeitamente as citadas palavras de Pio IX.—A. M. Bello.

est'outras palavras de Pio IX: «Damos-vos os parabens e desejamos aos vossos trabalhos um exito cada vez maior e mais feliz.»

«Possuimos ainda d'elle tres livros de longo folego, intitulados: *O Apostolado da Oração, O Apostolado do Coração de Jesus, As Esperanças da Igreja*, em que o auctor se torna notavel pelo seu bom estylo, e pela abundancia, clareza e exacção das doutrinas. Era um philosopho irreprehensivel, um politico sabio e sobretudo um fillo dedicado da santa Igreja Romana, todo cheio da boa doutrina que emana da cadeira do Vigario de Jesus Christo.

«O R. P. Ramière escrevia simultaneamente em varias revistas; mas residiu de 1872 a 1875 em Lyon, como um dos collaboradores principaes dos *Estudos religiosos*. Tomou parte em diversos congressos.

«Em 1877 voltára, havia dois annos, a Vals, como director dos estados superiores, quando a fundação do nosso Instituto Catholico o fez chamar a Toulouse. Logo que se abriu a eschola superior de theologia, alli occupou as cadeiras de *direito natural e moral*. Não se havendo nunca poupado e gastando as forças sem medida, comprehendeu comtudo que a carga se tornava pesada de mais para a sua saude enfraquecida, e cedeu o logar ao R. P. Froment.

«Desde então, retirado na casa do *Mensageiro*, seguia com amor o desenvolvimento da sua querida Obra, para a qual redigia, ainda terça feira passada, um artigo importante.»

Eis ahi o virtuoso e incançavel-operario catholico, cujo passamento deploram todas as almas crentes. A sua vida terrena foi repleta de boas obras, e pôde-se dizer d'elle com toda a verdade que *combateu o bom combate*: As suas exequias foram esplendidas: a ellas assistiram numerosos ecclesiasticos, religiosos e religiosas, professores e estudantes catholicos, pessoas nobres e plebeias de ambos os sexos, e mais de mil e quinhentas acompanharam o sahimento ao cemiterio.

Nós tambem todos os seus admiradores, que acompanhamos a sua sentida morte com as nossas saudades, não o esqueçamos nas nossas orações, porque emfim era homem e posto que virtuosissimo, não estava isempto de todas as imperfeições inherentes á natureza humana. *Requiescat in pace.*

A. MOREIRA BELLO.

Secção Historica

OUTRO MANUSCRIPTO

o seisma da Igreja de Braga

(Continuado do n.º anterior)

FACTO 6.º

Eleição de Manuel Ignacio de Mattos feita pela 2.ª vez

TINHA sido Moniz nomeado deputado ás Côrtes; em consequencia d'êsta nomeação dirigiu-se á capital, e deixou o Governo do Arcebispado ao Abade de Giella, que exerceu por algum tempo este ministerio.

Aconteceu logo depois em Lisboa a celebre *setembrada*, a qual não sendo favoravel ás vistas de Moniz, cuidou este em alapar-se na capital por algum tempo, e nunca mais voltou a Braga, sem comtudo fazer jámais desistencia do seu emprego, e me consta dizer elle, que o Mattos é intruso; pois que o verdadeiro capitular é elle Moniz.

Porém a sua prolongada ausencia reputou-se formal desistencia e o seu delegado Giella retirou-se tambem da cidade. N'esta conjunctura Mattos aproveitou a occasião; chamou quatro amigos (1) e reunidos com elle na casa do cabido, foi por elles nomeado e instituido em Vigario Capitular do Arcebispado; o que se verificou em 18 de setembro de 1836, sendo presidente n'este acto o mencionado Manoel Ignacio de Mattos.

REFLEXÃO

Nullidade d'esta Eleição

§ 1.º

Inhabilitação canonica do Eleito

Não é meu intento fallar das qualidades pessoas d'este eleito; pois que não tenho d'elle conhecimentos individuaes; fique este assumpto reservado áquelles que melhor o conhecerem. Sei comtudo que um dos eleitores confessara ingenuamente, que havia no Cabido sujeitos mais dignos, e que muito melhor correspondiam ás condições prescriptas no Tridentino; o que já não é pequeno defeito. Sei tambem que fora suspenso pelo legitimo Vigario Capitular Cunha Reis, e não consta que fosse absolvido d'esta suspensão por competente auctoridade. Sei ultimamente que pela sua primeira intrusão se constituiu, como já fica notado, iniquo invasor da Jurisdicção Ecclesiastica, e consequentemente incurso nas penas canonicas fulminadas pelo concilio, e com irregularidade pelas violar, e sendo publico este dicto devia ser igualmente publica a absolvição d'aquelles, e a despena d'esta.

Nada d'isto constava ao tempo d'esta eleição, consequentemente recaiu em

(1) Rebello, Cruz, Mattos, e Palhares.

um indigno; e nada mais é necessario para ella se reputar irrita, *et nullius momenti*.

§ 2.º

Incompetencia dos Eleitores

Não podiam os Eleitores proceder legalmente a esta eleição; pois que existiam decahidos do direito de a fazer: 1.º pela ommissão, que tiveram depois do fallecimento do Cunha Reis: 2.º por terem no precedente immediato instituido Vigario Capitular a Fonseca Moniz, que, como fica mostrado, pela sua intrusão na Igreja de Coimbra, se tinha feito indigno; e o direito canonico priva do direito de eleger *pro illa vice* os Eleitores, que elegerem o indigno para algum beneficio, ou prelatura Ecclesiastica (1).

Porem muito resta ainda a dizer; porque a materia é fecunda.

§ 3.º

Circumstancias notaveis, que aocompanharam esta eleição

1.ª

Um semi-conego entre os Eleitores (2)

Não é, nem se pode chamar Conego um Ecclesiastico, que carece de Bulla Apostolica, sem a qual, segundo a presente disciplina da Igreja, e pelas particulares concordatas da Sé Romana com os nossos Monarchas, e particularmente com a Snr.ª D. Maria 1.ª, não pode considerar-se legitimamente constituido n'este goso de Jerarchia Ecclesiastica; falta-lhe a instituição canonica, que é a forma essencial, que lhe imprime o caracter de verdadeiro, e legitimo conego, e o investe das prerogativas, direitos, e faculdades annexas a uma tal dignidade: tem nomeação Regia, em virtude da qual poderá chamar-se *conego eleito*; *terd jus ad rem* (3); *mas não tem jus in ré*; por tanto a sua ingerencia n'esta eleição serviu unicamente de augmentar o numero não dos Eleitores mas dos individuos. Quando a Igreja delega a jurisdicção ao cabido, ou collegio, cujos membros são todos iguaes no caracter canonico; e qualquer que se ingerir nos actos, que são privativos do Corpo, sem este caracter, nem por isso com o seu contacto faz o acto mais efficaç, e vigoroso, antes dadas certas circumstancias, o privará do valor, que aliás sem a sua concorrência lhe seria proprio. Consequentemente deve considerar-se por tres conegos sómente.

2.ª

*Circumstancia**Vigarios Capitulares «at nutum»*

Esta eleição nos representa a Igreja

(1) Cap. *Cum in cunctis* 7. de elect. Cap. *cum Vintoniensis*. 25. Cap. *Scriptum est* etc. Cap. *Perpetuo* 7 in 6.º

(2) Palhares.

(3) Nem este direito tem, como se infere do cap. *Quod sicut de Electione*.

Primacial com tres Vigarios Capitulares; todos tres successivos; todos tres existentes no Reino, e todos tres vivos, e de perfeita saude. Phenomeno singular! Nas outras dioceses os Vigarios Capitulares, em quanto dura a viuvez da Igreja, são, e foram sempre vitalicios: em Braga sempre assim se observou; agora porem converteram-se em Vigarios *ad nutum* dos eleitores, e dos elegidos! Donde virá este rito singular, e novo do Cabido Bracharense? Virá do justo, e recto uso que elle faz da jurisdicção, que a Igreja lhe delega em sé vaga; ou do abuso, e escandaloso vilipendio dos Canones, e declarações Apostolicas, que prohibem, e reprovam todas estas mudanças, desisteneias e alterações? E será causa estranha, que o Supremo Pastor, encarregado da sollicitude de todas as Igrejas, descarregue um golpe, que corte o fio a tantas desordens.

§ 2.º

Numero insufficiente dos Eleitores

Tres Conegos constituem uma fracção tão insignificante do Cabido, que nem cabido é, nem o pode sufficientemente representar: maiormente quando os mesmos estatutos Capitulares ferem de nullidade todos os actos, deliberações, ou accordãos tomados em Cabido sem a concorrência pelo menos de dez Conegos (4). Nem se persuadam, que tem aqui lugar a doutrina bem sabida dos Canonistas. Dizem elles que a jurisdicção concedida a um collegio não se extingue, em quanto existir um só collegial; de maneira que faltando uns, ella remanença inteira nos outros que ficam, e um só que de todos reste, n'esse se reune, e accumula.—Não é, digo, applicavel ao nosso assumpto esta doutrina; porque não estamos no caso de fuga, guerra, ou peste, que são justamente os casos que os canonistas especificam.

Desenvolvamos mais esta materia, que é importante, no seguinte.

(Continua).

Lisboa—1884.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Critica

LEIAM!...

A CABA de se verificar em Pariz, na sala Lévis, uma reunião (ou *meeting* em linguagem da moda) composta de *trabalhadores* sem trabalho e estes ali assistidos de seus amigos dire-

(1) «E feito o dito signal, se se ajuntarem dez Capitulares no dito Cabido, posto que os outros não venham; os ditos dez farão, e determinarão n'elle todas as cousas como acima fica declarado; e com menos de dez Capitulares se não poderá fazer Cabido, e fazendo-se tudo o que n'elle se fixar será de nenhum vigor. Estol. do Rd.º Cabido cap. 2 in fine.»

ctores, que na verdade não passam de inimigos dos verdadeiros e primeiros interesses da classe *operaria*, embora procurem *accidentalmente* dar-lhe pão e só pão n'um ou dous dias, e sem escrupulo quanto aos meios pelos quaes elles o proporcionem. E' certo que a miseria é mui grande em Pariz, e que tal miseria se dá em muitas pessoas desassistidas da moralidade e por consequencia dispostas a procurar recursos seja por que modo fôr; estes cotejam suas grandes necessidades com o luxo visivel de Pariz e assim resolvem tirar *ao luxo* para o haverem para as suas necessidades e gózos; e de mais não têm confiança no Governo para que lhes valha; nem mesmo inteiramente na *Corporação Municipal*, e porque esta não está *livre* como aquelles a quêrem, embora em sua grande maioria seja um *primor* de *revolucionarios*; julgam os alludidos exigentes, mas famintos, que só haveria *bom Governo* e os Municipios se elles fossem os Ministros e os Municipios, e na verdade o que *lá está* pouco mais vale que *elles*, e apurada a analyse vem-se a conhecer, que se a massa não é toda igual toda é *ejusdem furfuris*. Os *operarios «desesperados»* suas ameaças e seus procederes, sua lembrança e amor à *thèse* de Proudhon—*La propriété c'est le vol*—, todos os graves desconcertos e factos gravemente desconcertados, tudo isto e o mais que dizem e fazem os *operarios socialistas* não passa da execução logica dos *principios maçonicos* e *revolucionarios*, ou da *Revolução* mais unida à *Muçonaria* que os *dous irmãos Siamezes*, pois que antes sam um *todo* que duas *Entidades unidas*. Os *homens mestraços modernissimos* conceberam e quizeram o reinado da *Revolução* como que instituindo para si um *morgado*; a *Revolução* devia servir-lhes para destruir tudo que os não servisse; e depois, fazendo seus *thronos* com a ruina do que era justo, disseram e dizem, que da *Revolução* só quêrem agora o bastante para conservar o que apañaram, embora procurando *pelo nome «cohonestar»* o acto injusto, e isto mesmo nem sempre; e quando o não dizem, procedem *conformes*; para que se véja até onde chega a contradicção, basta dizer, que muita gente ha hoje que se julga injuriada, se lhe chamam *revolucionaria*, tendo aliás ainda nos ossos a *Revolução*; completamente convertidos de *esta* tem havido poucos. Não deve admirar, a quem vê as cousas como sam, que os filhos das idéas revolucionarias, e que quêrem estas até à sua completa execução *logica*, proclamam o *socialismo* com o *comunismo* conforme é entendido pelos *revolucionarios radicaes*, que sam os que mais exactamente pôdem ser tidos como *rebentões da raiz Revolução*. E no mencionado *meeting* esteve um dos con-

selheiros municipaes de Pariz, que á sahida foi preso, e então sendo reconhecido pela policia, por isso que exhibiu seu distinctivo, ella o deixou em liberdade; houve outras prisões no mesmo momento. A *Revolução* horrorisa menos por suas ameaças, como as feitas n'aquelle *meeting*, contra a propriedade e especialmente ali sustentadas contra os côfres particulares onde está o dinheiro; horrorisam menos taes ameaças do que esse sustento de *theoria revolucionaria*, que constantemente está corrompendo os espiritos! os assassinatos com os roubos,

ro; mas ha-de vir depois de muito mais sangue derramado e propriedade incendiada, depois de muita mais desmoralisação que a já existente, e quando, como nos tremores de terra, se ouvir rogar a Deos, em altas vozes afflictas, *misericordia Senhor!* então rogará ao Todo-Poderoso, que use da Sua Clemencia, essa gente heretica despresadora, até aquelle dia, do Régio-Poder-Divino sobre a Terra, e a que, *não heretica, esquecida!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Ha um mez não consta que se tenha feito mais do que aquillo que se poderia fazer muito bem no café de qualquer localidade, de graça — tem-se fallado. Obrigado, senhores deputados; ha-veis merecido o reconhecimento publico, ainda que do publico não merecesteis o dinheiro. Continuae, que o paiz vos contempla admirado!

Um periodico catholico de Madrid notava isto mesmo, nos deputados de Hespanha, e com muita graça dizia:

Os nossos oradores politicos são insaciaveis, e os que parecem ter mais



EGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO POPULO EM BRAGA

os incendios e as *barricadas*, sam a necessaria ultima logica demonstração da *substancia theorico-revolucionaria*; a *Revolução* é a antithese da *Religião* e assim o dilemma: «*Deos ou Revolução!*» Mas Deos é absolutamente indispensavel ao *Homem* e á *Sociedade*, logo a *Revolução*, deve ser combatida *no seu todo*, e por isto não sendo bastante combatel-a *na praça* e deixal-a estar corrompendo *do gabinete*; a esta resolução se ha-de vir por parte de aquelles, a quem hoje pareça *absurdo* tal juizo, que de todo aliás é verdade e verdadei-

COISAS! COISAS!

NEM tal cousa nos lembrou!

Todos os jornaes fallaram na abertura das camaras, todos descreveram as festas por essa occasião havidas, e nós, que esquecido somos, nem uma palavra a tal respeito! E' boa!

Pois senhores, as camaras estão abertas, e por tanto ha um ponto de reunião para os palavriadores a quem o paiz paga com o unico fim de fallarem, ou de estarem calados; como melhor lhes approuver.

abundancia de eloquencia, são os que com mais tenacidade e afincio estão sempre a pedir a palavra.

Se ao paiz não pedissem mais, se se contentassem, não só com uma palavra, mas com muitas, com um *diccionario* completo, bem iria ao paiz.»

O que elles pedem, continua o nosso collega madrileno, não é a palavra, é o azeite para a lampada da eloquencia.

Nós acrescentamos, que os deputados pedem com que encher o estomago, que é o ponto mais importante da politica, e para encher o estomago vae todo o di-

nheiro do contribuinte, vão os passaes dos parochos, os bens das mitras e cabidos, e depois irá o resto.

Mas, não esqueça, o cavaco em S. Bento principiou.

São de uma ousadia pasmosa os taes senhores revolucionarios. Vejamos pelo seguinte facto, acontecido em Vienna, o que ha a esperar d'elles, se os governos não tomam medidas energeticas, fortes.

N'uma igreja, que se eleva em meio do bairro occupado principalmente por operarios, pregava o Padre Hammerlé, e assistia a seus sermões, em que era condemnado asperamente o socialismo, um publico numeroso e illustrado.

Todos os dias crescia o numero das conversões, e muitos christãos que se haviam esquecido de Deus, pediam perdão de suas culpas, confessavam-se etc.

A revolução principiou a unir fileiras para se oppor a este movimento consolador, e n'um dia em que o Padre Hammerlé se occupava dos deveres dos operarios para com os donos das fabricas e d'estes para com aquelles, quando o orador era mais eloquente, rompem do meio da multidão assobios, pedradas, e estabelecem no templo uma confusão horrosa, a que succedem gritos de dôr, ferimentos, mortes!

O fim dos revoltosos era assassinar o orador, mas os catholicos trabalhavam para o salvar; n'esta confusão, em que uns tentavam sahir, outros entrar, ouviu-se a voz de—fogo, e logo uma partida de internacionalistas tratara de arrombar as portas lateraes.

N'este estado horrivel, medonho, quando a confusão era espantosa, chegou a policia, que, n'estas cousas não é como a policia italiana ou portugueza, e não só conseguiu aplacar o tumulto, mas até prender quasi todos os promotores da desordem. Toda a noite foi guardada a igreja, e no dia seguinte, o governo, ouvindo a auctoridade ecclesiastica, fez que continuassem os sermões, na mesma igreja e feitos pelo mesmo sacerdote.

Quem não sabe, que aprenda...

Vae com vista aos jovens da *Juventude*, e aos *fronteiricos* da *Fronteira*, a seguinte noticia, que um jornal liberal do paiz, nos dava ha tempos:

«Uma junta de districto em Hespanha subvencionou com 30:000 pesetas (réis 5:550\$000) uma universidade de jesuitas.»

Que pena! E os *espartos* a perderem-se em Villa Real e em Elvas!

Portugal que deu n'outras épocas soberbos conquistadores, indomaveis navegadores, guerreiros que assombraram o mundo, marinheiros que fizeram calar o Adamastor, está destinado a dar, n'este seculo das luzes, homens *finorios* que, transpondo as fronteiras portugue-

zas, irão em todos os paizes ensinar o que são os jesuitas. Porque só elles o sabem, e lá por fóra, onde ha tantos homens grandes, intelligencias alevantadissimas, dá-se aos jesuitas, para uma universidade, contos de réis, quando os nossos *finorios*, que os *conhecem*, não só lhes não dão nada, mas até a vida lhe tiravam se podessem!

Existem em França 1:500 hospitaes e hospícios, com 2:800 medicos e 11:454 irmãs da caridade, de varias ordens religiosas. Damos esta noticia para mostrar aos inimigos das Irmãs de Caridade, que os temos por cá, que nem só em Portugal ellas são admittidas nos hospitaes; tambem a França republicana as admite, porque vê n'ellas os melhores, os unicos enfermeiros, os verdadeiros directores das casas de caridade.

E vão-se generalizando, porque os seus serviços vão sendo bem conhecidos, menos por aquelles que ainda não fitaram directamente, como não fitam pessoa alguma. Para estes, para os cegos, para os que não veem porque não querem, e mesmo para os que não podem, as Irmãs de Caridade serão sempre inuteis.

A FRANÇA TEM EM 1:500 HOSPITAES ONZE MIL QUATROCENTAS E CINCOENTA E QUATRO RELIGIOSAS!!

UM LEITOR DE GAZETAS.

AO SR. VISCONDE DE SANTA LUZIA

Na direcção do Centro de Propaganda Catholica em Portugal, de que é director o sr. Teixeira de Freitas, foi entregue, e a nós dirigido, um manuscrito firmado pelo sr. visconde de Santa Luzia e mais nove cidadãos. Dizem-nos que este precioso documento, que nós temos guardado, fora entregue pelo muito digno regedor da freguezia de S. Sebastião, de Guimarães, e por mais alguns individuos, policiaes, talvez.

Estes apparatus policiaes, sr. visconde de Santa Luzia, podem amedrontar pobres Irmãs Hospitaleiras, e fazel-as ir á presença da auctoridade, porque são, além de mulheres, professoras na Ordem que teve por fundador o Seraphico d'Assis; mas a nós, á redução do Progresso Catholico, o que fazem, é provocar o riso: e o sr. visconde se nos conhece, saberia a vontade com que todos nós costumamos rir. Rimos da policia, porque sabemos respeitar as leis do paiz, e das coroas nobiliarchicas nem nos rimos; quando ellas se antepõem no nosso caminho, como temos sempre muito papel no chão, mandamolas varrer junta-

mente com a papelada que não serve.

Estamos alto de mais, para nos correspondermos com o sr. visconde de Santa Luzia, e para não termos esse incommodo, antes de treparmos á estacada da imprensa, mandamos pessoa competente ficar responsavel pelos nossos actos, perante a respectiva auctoridade. E' a essa pessoa, que pôde conhecer na administração do concelho, que deve dirigir-se, porque é ella e só ella quem pôde ou não satisfazer ao pedido que nos fez, por ignorancia.

Servindo-se das mesmas formalidades, usadas para a entrega do precioso documento, pôde mandar receber-o de novo, para o dirigir a quem compete tratar d'estas cousas.

A REDACÇÃO.

Secção Litteraria

Meditações de fim d'anno (1883-1884)

I

Do templo santo no alto campanario,
Com timbre melancolico soaram
Doze lentas pancadas, que fixaram
Entre anno e anno um marco milliarrio.

Ah! como é fugitivo o tempo variol!
Doze mezos quam rapidos passaram,
E illusões lisongeiras me levaram,
E esperanças de repouso imaginario!

Maldizer devo pois, com fronte irrosa,
Do tempo a aterradora inuidade,
De destruir a furia temerosa?

Não, bendigo-lhe a immensa utilidade,
Pois, se o quero, é moeda preciosa
Com que comprou a feliz eternidade.

II

Navega fragil barca no alto oceano:
Açoitada tempestade embravecida;
Abrem-lhe fauce as ondas homicida,
E a investem, cobrem com furor insano.

Estala o mastro que se erguia ufano;
Parte-se a enxarcia ao vendaval rendida;
Estremece, vacilla, e já despida
A pobre nave está do ultimo panno.

Mas voga, voga de agua entre montanhas,
E lucha, lucha com raivoso vento,
Esperando attingir calma paragem...

Eis pois, minha alma, a tua propria imagem:
Se na vida as procellas são tamanhas,
Lá tens o porto alem do firmamento.

III

Extincto em torno a mim vejo cahindo
Este, aquelle, de vida ha pouco cheio!
Sou qual pilar erguido aqui no meio
De ruinas que o solo está cobrindo.

Amo a vida inda assim; sinto no seio
De mais, de mais viver desejo infindo:
Não que me attraia o mundo grato e lindo,
Poia para mim tem sido triste e feio.

Mas a voz do dever me brada austeramente:
«E' o filho, esposo e pae; não é cumprida
Tua grave missão; trabalha e espera!»

Oh Providencia liberal, subida,
Minha prece ouve pois viva e sincera:
Dá-me, por dal-a aos meus, extensa vida!

IV

Com força incontrastavel nos arrasta
Do tempo a rapidissima corrente;
E de hoje a margem, arida ou virente,
Amanhã já de nós longe se afasta,

Quizeramos em balde dizer «basta»,
E em estancia abicar doce e frondente:
Avante! avante!... e em breve o continente
Esconde á vista cerração nefasta!

Aponta a morte o mar da eternidade,
Paragem para uns de cruel naufragio,
Para outros do lucida bonança.

Oh suprema e amorosa Potestade,
Guarda-me sempre a fé,—certo presagio
Da appetecida bemaventurança!

V

E' somno a vida a que põe termo a morte:
Hoje encantam-nos sonhos venturosos;
Amanhã sonhos torvos, payorosos,
Chorar nos fazem nossa triste sorte.

Desterro é a vida: o rei na altiva côrte,
Os grandes em palacios sumptuosos,
Sob o colmo os vassallos andrajosos,
Exules são, sem que a prosapia importe.

Mas ai! que somno tam fallaz e inquieto!
Ai! que sombrio e doloroso exilio,
Onde pranto amarissimo o homem verto!

Presta-me, ó meu Jesus, teu termo auxilio,
Para que, de teus meritos repleto,
Na bella patria celestial desperte!

A. MOREIRA BELLO.

AVENTURAS D'UM SOLITARIO

(Continuado de pg. 94)

UMA vez n'esta casa, direi antes n'este carcere, tive de reduzir-me á quasi completa nudez nos vestidos; pois mais não tolerava a calma n'estas paragens que o indispensavel ao pudor. Fazem-me pastor d'ovelhas, e em meio de tantos males uma só consolação tenho, que hei-de ver de raro em raro os senhores e a creadagem. N'este mester afigurava-se-me ter algo do santo Jacob; pensava tambem em Moyses, que ambos outrora foram pastores. De queijo fresco e leite me alimentava: em orações a miúdo, e canticos e psalmodias aprendidas no mosteiro passava o tempo. Já me agradava o captiveiro, e a Deus rendia muitas graças por me haver deparado no ermo a vida monastica, condemnada a perder-se na patria que buscava. Oh! como tudo é inconsistente nos dominios de satanaz! quantos laços e inredadas insidias! Assim foi que lá mesmo na minha solidão accommeteu-me o seu odio incansavel.

O amo notando como o rebanho me drava, e com quanta lealdade exercia eu minhas funcções (pois bem sabia aquelle encarcamento do Apostolo: «aos senhores heis-de servir fielmente como a Deus») e pensando em remunerar-me, e assim mais me afeiçoar á sua pessoa, entregou-me como esposa aquella minha companheira de captiveiro e consorçial agora.

Refusei eu alegando minha qualidade de christão, por onde me não era licito tomar mulher nas condições d'esta com o marido ainda vivo (tinha sido captivo como nós e pertencia a outro senhor); o que ouvindo aquelle barbaro cae sobre mim acceso em colera e a espada desenvainhada.

E alli me atassalhara elle, se com os braços abertos não buscara eu ampararme no apertar ao peito a mulher. Veiu finalmente a noite, aquella noite que nenhuma outra mais escura e para mim tão pressurosa. Para desabrigada espelunca vou conduzir a esposa; nossa festa de noivado é a tristeza, e comquanto nos detestemos mutuamente, nem n'isso tocamos. Então sim que a fundo apreciei meu deploravel captiveiro, e jazendo prostrado comecei de me lastimar da perda do estado monastico; «ó vida que até hoje duraste, affim que a estes extremos chegasse! de minhas culpas fazerem com que, a cabeça já encanecente, de virgem me volvesse marido! Que me valeu ter abandonado pelo meu Senhor paes, patria e fazenda, se agora hei-de cair n'aquillo, para fugir do qual tudo deixei? Só se isto hei-de soffrer, por de novo desejar a patria. Que fazer agora, minha alma? morrer ou viver? esperamos em Deus ou atravesso-me com a propria lança?

Volve, misero, contra ti mesmo o ferro, que mais importa se perca a vida do corpo que a da alma. Tem seu martyrio o pudor; jaza insepulto no deserto o martyr de Christo: eu serei a um tempo martyr e algoz.»

Assim dizendo tomei a lamina luzente no meio da escuridão, e apontando-a ao seio exclamei: «Adeus mulher infeliz, ides ter-me antes martyr que marido!» Então ella rojando-se-me aos pés: «Por Christo te exoro e pelas extremidades da hora presente, não derrames teu sangue sobre a minha culpa: ou se forçoso é morrer, volta primeiro contra mim o ferro, e assim nos unamos antes na morte. Sabei que, ainda quando outra vez a meu marido me ajuntasse, havia de guardar a castidade que tanto me aconselhou o captiveiro: e tão firme estou que prefiro antes a morte a quebrar o proposito.

E has-de tu morrer porque te não esposos comigo? Primeiro o faria eu, se tal tentasses. Toma-me para esposa de pudicicia, seja este nosso um casamento d'alma. Tenham-te na conta de marido os amos, saiba Christo que és irmão; e em nos vendo querer muito, facilmente se convencerão do matrimonio.»

Confesso que pasmei; e a minha admiração de tamanha virtude n'esta mulher converteu-se-me em estima pela esposa. Certo é que nunca ousei pôr olhos curiosos no seu gesto, nem tocar-lhe, com medo de vir a perder em tempo de paz quanto salvara em accessa batalha.

Muitos dias passam d'este singular matrimonio: depois d'elle, tornaram-se os amos mais benignos connosco, e a suspeita da nossa fugida desvaneceu-se-lhes de todo. Por vezes succedeu andar ausente durante um mez pelas solidões do deserto o guarda do rebanho, já conceituado de fiel.

N'uma d'essas digressões, sentado sózinho no ermo, um dia, entre o céu e a terra nada divisando em tam largo horizonte, comecei de scismar comigo mesmo, e a recordar-me com saudade da convivencia dos santos solitarios, e a ver na imaginação a figura do meu venerando pae espiritual, que m'instruira, me alimentara para allim me perder.

N'estes devaneios, noto acaso como feria em estreito passo uma legião de formigas, e d'ellas conduziam fardos maiores que o proprio corpo. Outras com a tenaz das mandibulas ferravam certas setimbras d'ervas, e as iam rolando: estas amontoavam a terra extrahida das galerias subterraneas, e a dispunham de modo a impedir a invasão das aguas pluvias: aquellas, prevendo a proxima inverneira e com receio de que a terra humida lhes não convertesse em erval os celleiros, cerceavam as sementes conduzidas: est'outras conduziam em estrambotico saimento os corpos dos seus finados.

(Continúa.)

M. C.

Secção Illustrada

I

Affonso Domingues

OMais vasto, mais grandioso, mais imponentemente bello dos monumentos que os nossos antepassados ergueram á Mãe de Deus, á Virgem Immaculada, teve por architecto o homem de quem damos o retrato na primeira plana da nossa Revista.

Santa Maria da Victoria, vulgarmente chamado da Batalha, por ser edificado no sitio onde o montante do Mestre d'Aviz fizera pedaços os valentes Leões de Castella; Santa Maria da Victoria, dizemos, é o templo mais admiravelmente monumental de entre todos os templos do reino fidelissimo. Vel-o, é ver a mais formosa maravilha da arte; ajoelhado sob suas collossaes abobadas, julga-se a gente dentro de um mundo de pedra, se olha para a grandeza das columnas que as sustentam; mas se attende aos labores e brincados de que a ornamentaram, com razão pôde imaginar-se em meio de um atelier de finas rendas—tal é o mimo com que aquellas pedras foram trabalhadas.

E apesar de tudo, o architecto que traçou tão arrojada obra, e que por mui-

tos annos a dirigiu, era um portuguez. Por isso lhe gravamos aqui o retrato, para que a nossa Revista honre a memoria de um artista digno, e relembre uma época em que os monarchas portuguezes animavam as artes, encarregando as grandes obras a filhos d'estes reinos.

Nasceu Alfonso Domingues em Lisboa e foi baptisado na igreja da Magdalena. Se o amor da arte o levou fóra do paiz a cultivar-a, não se sabe; sabe-se apenas que foi o mestre do templo mais grandioso de Portugal.

O retrato que hoje damos é copia de um busto que se observa na casa do Capitulo, e que com todos os visos de certeza, se suppõe ser d'Alfonso Domingues.

Se um dia podermos conseguir algumas gravuras do magestoso monumento, mostraremos então quanto valeu o artista, cujo retrato hoje damos.

II

Egreja e convento de Nossa Senhora do Populo, em Braga

Governando a Egreja Bracarense o sabio arcebispo D. Agostinho de Castro, teve a cidade de Braga uma época de prosperidade, que jámais se horrorará dos seus annaes. Uma das obras devidas ao já mencionado arcebispo foi a abertura do Campo da Vinha, campo espaçoso, bem situado, onde se bebe a amplos pulmões o ar puro das campinas verdejantes do Minho. Não se limitou D. Agostinho de Castro a abrir e aplanar o formoso campo; mais longe foi o seu amor pelo engrandecimento da cidade primacial. Mandou traçar e pôr em execução um dos mais bellos monumentos religiosos de Braga, que ficou ornamentando um dos lados do campo, sendo tambem imporio de sciencia e virtude, casa de educação e caridade.

A primeira pedra para os alicerces do vasto edificio, foi lançada em 1595 e, apesar da grandeza com que foi traçada, dentro em pouco estava a obra concluida e entregue o magestoso edificio aos eremitas de Santo Agostinho, para cuja ordem fóra construido.

Se foi prodigo, o arcebispo fundador, na edificação do convento e igreja, não o foi menos em o dotar com rendas bastantes para a sustentação da communitade, que se compunha de mais de trinta religiosos, e tambem para o estabelecimento de aulas de theologia, que os religiosos ficaram obrigados a ter abertas.

A nossa gravura, copia de uma excellente photographia, retrata admiravelmente o elegante monumento religioso exteriormente, e por isso escusado nos parece descrevel-o. No interior, o templo é um dos melhores da cidade, é no-

vel pela sua vastidão, não só, mas pela belleza da ornamentação e riqueza de talha dourada. E' consagrada a egreja a *Nossa Senhora do Populo*, ou da *Graça*, cuja imagem se admira no allarmór. E' de uma só nave, com seis capellas no corpo da igreja, tres a cada lado, todas conservadas com aceio. Na capella-mór ha dois mausoleus, sob dois arcos, onde repousam as cinzas do fundador, D. Agostinho de Castro, e do virtuoso D. Frei Aleixo de Menezes arcebispo de Goa e de Braga. Na capella de Christo está o corpo de Santa Suzana, virgem e martyr bracarense.

E' admiravel a sacristia pela sua grandeza e famoso sanctuario, enriquecido com venerandas reliquias.

Os claustros eram riquissimos, e a cerca um perfeito eden, onde viveram os eremitas até 1834, época em que a *santa liberdade*, deixando de exercer o seu officio na Falperra, desceu a exercel-a nos povoados, lançando mão do que era dos frades, e levando tambem o que aos pobres eremitas doára o arcebispo D. Agostinho de Castro.

Então, quando as garras satanicas dos restauradores empolgaram o que era dos frades e dos pobres foi o Populo dado ao ministerio da guerra, que até hoje tem occupado os dormitorios dos religiosos com a soldadesca, substituindo as orações dos eremitas pelo vozear dos filhos de Marte, pelo rufo dos tambores!

Foi n'este edificio que teve logar o incendio que n'esta Revista se noticiára ainda ha poucos mezes.

R.

Secção Bibliographica

OS FRADES (1)

Como a imprensa recebeu o livro de J. de Lemos

X

Os Frades.—Eil-os, cá estão, esses *maffarricos*, cujo nome, tão pequeno, pois só contra duas syllabas, tão simples, tem causado as maiores guerras e as maiores gamberrias. Esses frades, que tantas *viboras* teem acalentado no seu seio, como de vezes teem sido por ellas mordidos, e sem se retrahirem, sem deixarem de ser o que são!

Mas, não julguem os nossos leitores que nós estamos já aos abraços aos frades de carne e osso, e que estamos já a ouvir esses *bicharocos* gordos e roliços que tanto *damno* teem causado ao sr. J. Martins de Carvalho; não senhor, infelizmente ainda não temos esse prazer tão ardentemente desejado.

Os Frades que hoje apresentamos.

(1) Está á venda a 3.ª edição, correcta e augmentada, pelo preço de 300 rs. Pedidos a Teixeira de Freitas—S. Damazo—Guimarães.

são os vultos gigantes, do que realmente eram (e são) esses obreiros da religião stereotypados por esse brilhante ornato da imprensa jornalística, por esse modello de catholicos e de legitimistas o ex.º sr. João de Lemos, a cujo nome consagramos a mais respeitosa veneração, e que este talentoso e invencível soldado catholico enviou em pequenos turnos para o nosso collega a «Nação», sendo depois colligidos e coordenados pelo incansavel obreiro catholico o editor sr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, foram postos, não em ordem de batalha, mas em linha de confronto, para n'elles se mirar o fradophobo sr. J. Martins de Carvalho que apresentára uns frades *sui generis* tirados de testemunhas insuspeitas aos quaes o sr. João de Lemos oppoz testemunhas insuspeitissimas como os de Pedro Diniz, Almeida Garrett e A. Herculano.

Ahi estão postos á evidencia da historia e dos factos o que foram e o que são esses heroes de abnegação e de trabalho pelo bem da Egreja de J. Christo e das almas; e á face de testemunhas tão insuspeitas, de verdades tão manifestas, caem pulverisados os ardis e as perfidas insinuações levantadas asquerosamente pela ingratitude revoltante do sr. Martins de Carvalho e de seus adeptos.

Bem haja o ex.º sr. João de Lemos, por tão illustrada victoria que fez alcançar a esses obreiros da religião que não podem, nem devem, defender-se de insultos soezes e desbragados.

Bem haja o sr. Teixeira de Freitas por contribuir com a sua edição para o esplendor e maior conhecimento d'essa tão justa victoria.

(Alfonso Henriques, de Lamego, de 25 de Outubro de 1883.)

A Voz do Christão.—Recebemos a visita d'esta nova publicação mensal, que vê a luz da publicidade no Porto. Pelo titulo e pela leitura dos artigos que contém o 1.º numero recebido, podemos agourar um prospero futuro ao novo collega.

Revista de Guimarães.—Mimoseados pela redacção d'esta Revista com o 1.º numero, correspondente a janeiro, que lemos com o interesse que em nós desperta tudo que é firmado por tão distinctos cavalheiros, nada mais nos cumpre, que agradecer a offerta e mandar em troca a nossa humilde Revista.

PARABENS

Ao nosso presadissimo collega do Funchal, «A Verdade», damos calorosos parabens pela sua entrada no decimo anno da sua publicação.

Abraçamos também outro nosso collega, «A Cruz e Espada», de Braga, por occasião da entrada no seu terceiro anno.

Valentes soldados, allistados sob as bandeiras do catholicismo, nós os saudamos e pedimos a Deos lhes junque de flores o caminho a percorrer, para com gloria os continuarmos a ter a nosso lado pelejando por Deos, pela Igreja e pela Patria.

Retrospecto da quinzena

PARIZ:—Falleceu na Capital de França *M. Francois Lenormand*, membro do Instituto e professor de archeologia na *Bibliotheca nacional*; era mui conhecido por seus trabalhos scientificos; morreu depois de longa doença, e n'esta se preparou Christamente para a morte, e no seio da Santa Igreja morreu como Christão depois de ter recebido os Santos Sacramentos. Deos em Sua Misericordia terá recebido a alma do finado, que deixou tão bom exemplo! que de este aproveitem esses que se dizem *illuminados* e que aliás *estam tanto ds escuras*. Que valor tem o exemplo! é tal que só Deos conhece toda e toda a sua importancia! seja o bom como bom, ou máu como máu!

MAIS PARIZ:—O *Sicéle* folha *républicana* e toda pelo *opportunismo républico* não pôde esconder a má situação dos *negocios* em França, e é assim que na sua revista *financeira*, referente á semana fechada em 15 de este Dezembro, se lê o seguinte:—«As circumstancias nos obrigam, depois de algumas semanas, a repetir as mesmas considerações. A situação não se modelica e a *baixa* não cessa de se estender.» E' um facto, como por todos em França e fóra de França é sabido; mas quem lê os artigos não financeiros do *Sicéle* e seus *congêneres*, lê que a França abunda em felicidade só porque tem a *Républica*. A França está entregue a uma direcção governativa alheia aos sentimentos da Justiça, está *captiva da Revolução!*

SENA:—O Conselho Geral do Sena (França) votou por 54 votos contra 6 a suppressão do Capellão no Asylo de Santa Anna; contra esta resolução protestou energicamente *M. Hervé*, que disse claramente qual era o espirito impio de onde procedia uma tal resolução «dizei francamente que sob o nome de *laicisação* vós quereis a proscricção de toda a idéa religiosa» lhes disse *M. Hervé*. E' possível esperar alguma cousa justa de uma gente que está em guerra com o

sentimento justo e moral porque não ama a Justiça, nem a Moral? é gente nefasta!

MOCIDADE:—E' notavel como a mocidade em França, a *mocidade* já preparada para entrar em funções sociaes, se vai pronunciando «contra a *Républica franceza*» em suas convicções; este importante symptoma incommoda o animo dos *républicos*. Deos illumine e conforte a *mocidade!*

ASSEMBLÉA:—No dia 12 de Dezembro de 1883 verificou-se em Pariz a Sessão Annual da *Obra do Veneravel de la Salle*, que foi o fundador do Instituto dos *Irmãos da Doutrina Christã*; a Sessão foi presidida por Monsenhor Richard, Bispo coadjutor de Sua Eminencia o Cardeal Arcebispo de Pariz; grande foi o concurso em tal occasião, e mui importante o que ali foi rélatado com relação ás *Eschólas* dirigidas pelos referidos *Congregados*, e como depois da perseguição e pendente ainda esta as nomeadas *Eschólas* têm augmentado e os frequentadores de ellas, mesmo em França, mesmo em Pariz; é sempre o immemoravel «*Si Deus pro nobis, quis contra nos?*» Os dados que vamos apresentar referentes á magna importancia de aquelle magno Instituto de educação e ensino segundo Deos referem-se, para assim dizer, aos ultimos dias ou tempos de todo aquelle labor Christão, todo conforme ao já feito antes, e depois de tantos e tantos annos, pelos membros do referido Instituto e com o exemplo dado pelo seu Veneravel Fundador. No Cairo (Egyppto) além da occupação escholar, os *Irmãos da Doutrina Christã* deram prova, por seus actos de Caridade (*du plus admirable dévouement* disse a proposito *M. Henry Cochin*), da maior dedicação durante os tristes dias da insurreição *Arabi-Pacha*, e no meio de uma população furiosa acodiam ás necessidades de toda a especie.

Na Terra-Santa acabam de fundar, em Caípha, um Estabelecimento que conta já 110 crianças; a inauguração foi uma verdadeira festa para todos os habitantes. Em Tananarive, Ilha de Madagascar, sua attitude foi heroica quando ha pouco lá se deram os acontecimentos que todos sabem. No Canadá, e na Cidade de Montréal fundaram ultimamente uma Casa de *Noviciado* para o seu Instituto, e contém hoje 124 *noviços*, que se preparam para ser *Mestres*. Em Chicago, Estados-Unidos-Norte-Americanos, foi ha pouco fundada uma nova Casa do mesmo Instituto; está já em plena prosperidade esta nova fundação e é ella objecto dos auxilios e favores do Governo dos mesmos Estados. Agora digamos da França depois dos *celebres Decretos*, ou *iniquas disposições*, de «28 de

março». As 246 *eschólas livres*, mas de recta liberdade ou Catholicas, *sam poucas*, *sam estreitas* para receber as crianças que se deseja n'ellas educadas. Em Marselha acontece o mesmo ao passo que a *eschóla leiga* mas *leiga sem Deos*, que está collocada na visinhança, conta apenas 7 *escholdres* e 5 *professores*. Em Reims os *Irmãos da Doutrina Christã* têm 1,400 discipulos; e em Cambraia mais de 550. E a que cifra chegaríamos nós, se nos propoessemos agora a apresentar a estatistica geral de todas as *eschólas*, de todos os *Mestres* e discipulos das *Eschólas* da referida *Congregação* em toda a França e fóra de ella? A *Obra Pia Veneravel de la Salle* esforça-se por ajudar de um modo especial o augmento do pessoal da *Congregação dos Irmãos da Doutrina Christã*. O *Noviciado* de esta *Congregação* tinha «933 *noviços*» no 1.º de Dezembro de 1882, e no primeiro de Dezembro de 1883 «1,156» isto é um augmento de 223 membros, e dentro de um anno. Ha os *Pequenos Noviciados* onde se apuram as *Vocações*, que *firmes* dam entrada para o *Grande Noviciado*; em 1882 passaram de aquelles para este «419» *apurados*, e em 1883 «444» ou 25 a mais n'este ultimo anno. A subscrição a favor das mais que mencionadas *Eschólas Christãs* tinha sido no anno anterior de 247,984 *francos*, e foi n'este anno elevada a 264,620 e assim augmentada em 16,636 *francos*. Verão pois nossos leitores, também por estas nótas, como progredim as *Obras Catholicas* ainda quando perseguidas com rancor diabolico. E aquelles *energumenos de Pariz* ainda se resolveram ha pouco a tomar aos *Irmãos da Doutrina Christã* a *Casa generalicia* de estes «*Rue Oudinot*» procurando *tingir* tal iniquidade com umas allegações dictadas pelo Diabo! Os *communistas declarados* fóram mais *sinceros*; entraram pela referida *Casa* e poseram na rua a *Communidade*, deixando lá ficar um *Irmão Congregado*; era este o *Irmão cosinheiro* pois que aquelles do *progresso* não se sabiam haver com o fogão da *cosinha* de invenção de um de aquelles *Congregados*; e o *Irmão cosinheiro* ficou sem desobedecer a seus Superiores pois que se tractava de uma *Obra de Misericordia*—*Dar de comer a quem tem fome!* Repetamos—«*Deos não dorme!*»

AMERICA:—De certo é mui consolador o saber como as *Missões Catholicas* *sam recebidas* pelas gentes da America, *inclusive o Brazil* onde aliás ha poucos annos foi promovida uma crua guerra á Igreja; verdade é que tal guerra não foi feita pelos *brazileiros* mas pela *maçonaria*, que só comprehendendo *degenerados* («*ad como cá*»), e por uns *partidarios*, sendo então o cabeça o chefe do *gabinete*, homem que já deu contas a Deos e

a quem Deos perdoasse! *inclusive o Brazil*, de onde Portugal recebe *tantos de torna viagem* e outros *primeiros visitantes*, que tantas vezes sam acompanhados de cousas e outras cousas mais menos de sentimentos religiosos; *tantas vezes* mas *não todos*, pois que dos *taes brasileiros* ou antes *chamados* brasileiros tem entrado tambem individuos de preciosos sentimentos por sua fé catholica e suas obras catholicas. A extensissima região ou vasto continente Americano está sendo nos dias de agora um *immenso* campo de Missão Catholica, de modo que sam poucos para *Messis* os Missionarios que têm e que de continuo vai recebendo, e os Reverendos Superiores das Congregações Religiosas estam de continuo com diligencia excitando os *feis* a que os secundem com suas esmolas para que aquelles possam augmentar o numero dos Sacerdotes para as Missões de toda a America, e das *Sacerdotas*, não queremos dizer *sacerdotisas*, que auxiliam as Missões por modo que bem se poderá dizel-as—*Femenino apostolado!* Brazil, República Argentina, República Montevidiana, margens do Rio Colorado, do Rio Negro, do Rio Limay e do Rio Chubut na Patagonia, as regiões Americanas habitadas pelos Indios, o extenso Mexico e os ainda não menos extensos Estados-Unidos-Norte-Americanos, o Chili, o Peru, o Canadá, etc. todo o Continente Americano abre os braços mui pronunciadamente ás Missões Catholicas, e estas sam muitas e muitas lá e mais as que sam desejadas, e de modo que bem se lhe pôde applicar aquellas Palavras Evangelicas—*Messis quidem multa, operarii autem pauci. Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*—E' muita a messe, mas sam poucos os operarios.

Pedi pois ao Senhor «que mande operarios para a sua messe». Como é pois, mesmo quando não houvesse senão este argumento, esta prova, que os *mentirosos* se atrevem a sel-o e ás claras affirmando o enfraquecimento e até a quêda do Catholicismo? atrevem-se porque sam *mentirosos*; e os ignorantes de má fé e de amor á ignorancia *fazem musica* com os *mentirosos*. Não tardará muito que seja annuciado competentemente um outro *Concilio Nacional*, ou composto do Episcopado da Nação mais poderosa da America; uma parte de este mesmo Episcopado está preparando-o em Roma sob as vistas de Sua Santidade felizmente Reinante, e se realisarâ n'uma das cidades dos Estados-Unidos-Norte-Americanos; Santa futura reunião! testemunho de vida Catholica, e cujos resultados serão de fecundidade em honra de Deos e bem das almas, e de que as Missões na America receberão extraordinario reforço! Estudem a Religião Catholica *esses* que a não conhecem, recordem-na *esses*

que a esqueceram, revistam-se de sinceridade *esses* de má intenção, e nós veremos tantos inimigos da «Verdade» tornados em da «Verdade» amigos! Se a ignorancia e má fé sam do agrado do *diabo*, o verdadeiro saber mesmo o *quantum satis* e a boa fé sam do agrado de Deos!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

A religião Catholica é obra divina e como tal não perecerá, antes pelo contrario vai sempre progredindo, estendendo cada dia a sua acção sobre todos os povos. E isto, affirmamol-o, bem que pese aos que cobardemente disparam seus tiros contra as obras de Deus. E dizemos cobardemente, porque é atrozmente cobarde essa guerra que nas gazetas, nas brochuras, nas academias, se faz contra a unica instituição que, apesar de dezenove seculos de existencia, não careceu ainda ser reformada.

Prova é do que deixamos dito o que vamos transcrever de um collega estrangeiro:

«Oito estudantes da Universidade de Upsal, na Suecia, converteram-se ao catholicismo, diante do spectaculo de corrupção e discordias que apresenta o protestantismo official de aquelle Estado.

«Na Asia Menor é espantoso o numero de gregos scismaticos, que, saindo das trevas do erro, abrem os olhos á luz da verdade.»

E está a morrer o catholicismo!

O orgão official do partido tradicional portuguez—*A Nação*—, tem hoje como redactor principal o mais firme soldado da legitimidade, o mais valente campeão da imprensa catholica em Portugal, o poeta mais mavioso d'este nosso paiz. O Ex.^{mo} Sr. Dr. João de Lemos tomou o leme do baixel que ha tantos annos se sustenta sobre as ondas d'esse mar medonhamente encapelado, que se chama a politica, e á fé que nova vida vai dar a toda a marinhagem que se conserve á sombra da bandeira branca.

Ao partido legitimista e á causa catholica em Portugal, os nossos parabens.

A Conferencia de S. Vicente de Paulo em Penafiel vae tomar grande desenvolvimento, diz um correspondente de um diario portuense, em virtude da actividade e zelo nunca desmentido do Ex.^{mo} Sr. Barão do Calvario, actual presidente da mesma conferencia. Foi por iniciativa de S. Ex.^a que se promoveu um bazar em beneficio da Conferencia, que devera principiar no dia 2 d'este mez.

Deus corôe com feliz resultado todos os trabalhos em bem dos pobres e da Igreja, e continue a ter ao seu serviço o denodado catholico o Ex.^{mo} Sr. Barão do Calvario, cujos sentimentos ha muito conhecemos e apreciamos.

O governo dá á empreza do theatro de S. Carlos em Lisboa, a modicissima quantia de 25:000\$000 réis, unicamente para fazer que as pessoas que podem gastar 2\$000 réis por cada noite de theatro, gastem tão somente dez tostões.

Se lembrarmos que os professores primarios ganham 100\$000 réis por anno, e que com os 25 contos gastos com o theatro lyrico se podiam subsidiar, ao menos, 1:000 professores com mais réis 25\$000 annuaes, que tanto arranjo lhe faziam, são capazes de dizer que nós conspiramos contra as instituições vigentes e que somos inimigos do progresso. Mas a verdade é que um paiz que deixa com fome os mestres da infancia, e subsidia largamente emprezas puramente de luxo, está julgado, e pouco se pôde dar pelo bom estado das suas finanças.

Pobres professores primarios!

J. DE FREITAS.

O progresso do «Progresso Catholico»

Não é estacionando que havemos corresponder ao favor dos catholicos. Sempre novas assignaturas, sempre provas de estima, de apreço, de consideração, nos chegam de todos os pontos do paiz, e por isso não devemos guardar para mais tarde o nosso reconhecimento.

Vá mais um passo na senda do progresso que havemos encetado.

O «Progresso Catholico» dá hoje duas gravuras aos seus assignantes e espera continuar a dal-as em todos os numeros, porque a ajuda de Deus não lhe ha de faltar; quando, porém, não poder dar mais que uma, só uma dará, mas sempre que possa ha de cada numero ser illustrado com duas gravuras.

Por esta occasião pedimos aos assignantes em divida se não esqueçam de que são muitas as despezas que temos a fazer.

TEIXEIRA DE FREITAS.

ANNUNCIARIO

OS FRADES

Defeza, justificação e apologia insuspeitissimas colligidas por J. de Lemos

3.ª edição correctâ e augmentada

Acaba de sahir do prélo a 3.ª edição d'esta obra que tem o seu elogio na rapidez com que se esgotou a 2.ª edição.

Um volume de 216 paginas em 8.º grande, 300 réis. E' enviado franco de porto. Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães.